

'OS TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE' SOB A LUZ DA CULTURA DE MASSA: reflexões sobre o pensamento de Freud na contemporaneidade

Edinaldo Enoque Silva Junior¹⁸

RESUMO

Este trabalho procura analisar *Os Três Ensaios da Teoria da Sexualidade* de Freud (1905) sob o olhar do mundo contemporâneo especificamente sobre os conceitos de cultura de massa e cultura de consumo. Objetivou-se dar maior ênfase sobre o que uma cultura midiaticizada pode influenciar de modo negativo e precoce na formação de crianças e adolescentes sexualmente ativas.

Palavras-chave: Sexualidade infantil. Meios de comunicação de massa. Educação familiar. Educação escolar.

'THE THREE ESSAYS ON THE THEORY OF SEXUALITY' UNDER THE LIGHT OF MASS CULTURE: reflections on thinking Freud in contemporary

ABSTRACT

This paper analyzes three Tests of the Theory of Sexuality Freud (1905) under the gaze of the contemporary world specifically on the concepts of mass culture and consumer culture. The objective was to place greater emphasis on what a mediatized culture can influence negatively and early training of children and adolescents are sexually active.

Keywords: Childhood sexuality. Mass media. Family education. School education.

¹⁸ Mestre em educação, especialista em Ciências Sociais, graduado em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Membro da Rede Catarinense de Educação. Email: enoquesmo@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem o intuito de refletir sobre a obra de Freud, especificamente *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Compreendemos ser pontual tal reflexão tendo em vista as transformações que se avolumam na modernidade que segundo Bauman (2009) se faz líquida.

Porque *Os três ensaios*? *Os três ensaios* fazem parte dos textos fundamentais de toda obra de Freud. Ali é tratado como a sexualidade se forma a partir da infância e como ela sofre transformações ao longo dos anos desde o nascimento até a morte. O importante desse texto é que ele revela de maneira clara e instrutiva como se dá a formação da sexualidade em tenra idade e como uma educação que não privilegie diálogos acerca da sexualidade pode acarretar sérios problemas futuros.

Pretendemos desse modo, rever *Os três ensaios* sob a luz do mundo contemporâneo, sobretudo, sobre a cultura de massa e de consumo que enfatiza acentuadamente o corpo como objeto vendável e consumível.

Partindo disso, entendemos que pais e professores devem voltar mais suas atenções à formação da sexualidade infantil para que possamos evitar nas futuras gerações profundas angústias, frustrações e neuroses provenientes de uma formação sexual transviada, precoce e altamente erotizada.

De acordo com o editor da obra de Freud em inglês, James Strachey, *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* figuram juntamente com *A interpretação dos Sonhos* como as contribuições mais significativas e originais de Freud para o conhecimento do humano.

Felizmente ou não, Freud não viveu na era da massificação da cultura que é a nossa, muito menos na época da grande liberação sexual dos anos de 1960, da utilização dos processos contraceptivos e o uso de preservativos. Freud tratava seus pacientes na era vitoriana e após a Primeira Guerra Mundial. Ainda existia aí uma forte repressão da cultura sobre a natureza das pulsões, principalmente a sexual.

Vivemos numa época muitíssimo diferente da de Freud onde a ideia de repressão instintual ou pulsional parece ter sofrido profundas ressignificações. A cultura de massa, juntamente com a de consumo e as transformações estéticas e morais sobre como nos relacionamos com o corpo e com o Outro tem repercutido pontualmente em questões sexuais. Daí a importância de refletir com novos olhares *Os ensaios*.

Buscamos na releitura dos ensaios contribuir para discussões acerca da sexualidade, infância e escola.

No conjunto do texto que segue procuramos sempre relacionar o Freud dos *Três ensaios*, à cultura de massa, cultura de consumo, às transformações no âmbito dos valores morais, à educação de crianças e jovens tanto a escolar quanto a familiar, às transformações estéticas sobre o corpo e a relação das pessoas com seu próprio corpo.

É de nosso conhecimento que Freud escreveu uma série de outros ensaios, e estudos de caso sobre sexualidade. Para citar alguns exemplos: *Moral sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna* (1908), *"Sobre a Degradação mais Generalizada da Vida Amorosa"* (1912), *"Sobre o Narcisismo: Introdução"* (1914), *"O Tabu da Virgindade"* (1918), *"O Esclarecimento Sexual da Criança"* (1907), etc. Ressaltamos aqui a importância que conferimos aos *Três Ensaios* e nosso interesse em revê-lo aqui, em grande medida em detrimento dos demais, por sua didática.

Sabemos da complexidade desse tipo de trabalho justamente por se tratar de modos de vida e períodos históricos bastante distintos. No entanto, sabemos que Freud continua e continuará a ser revisto e estudados por um grande número de pessoas pela profundidade e ainda atualidade das suas descobertas.

Freud não conjecturou sobre a vida sexual a partir de mecanismos que pudesse influenciar muitíssimo a vida dos humanos como a televisão, como a internet, por exemplo. Muito embora, como veremos, Freud dá grande ênfase ao papel do ver como estimulador da pulsão sexual.

Por outro lado é possível articular a partir das análises de Freud, como a televisão, os meios de comunicação de massa e a internet, por exemplo, podem e influem na sexualidade infanto-juvenil.

Esses meios podem tornar cada vez mais precoce a sexualidade de crianças e adolescentes. Pais omissos quanto aos efeitos das membranas midiáticas sobre a decomposição e o aceleração da sexualidade de seus filhos podem enfrentar problemas psicológicos futuros. Uma formação sexual incompleta e prematura pode desaguar desde terna idade num erotismo narcisista, numa sedução infantil-adulta e em neuroses, angústias e ansiedades modernas.

A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE COMO ORGANIZADORA DA VIDA PSICOSSOCIAL

Em resumo, para Freud a sexualidade é a força motora imprescindível para a constituição do ser humano. Um desenvolvimento sadio repercute diretamente numa vida, para os parâmetros da psicanálise, normal, ou seja, passando pelos processos de sublimação corretos o indivíduo normal conseguirá articular sua formação psíquica com sua vida social direcionando a energia pulsional sexual para além da vida sexual como também para a artística, esportiva, intelectual, por exemplo.

Entretanto:

Convém lembrar que parte desse escrito - a saber, sua insistência na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação aqui ensaiada do conceito de sexualidade - tem constituído o mais forte motivo para a resistência que se opõe a psicanálise. (FREUD, 1905, p. 126).

Observa-se que os debates em torno da sexualidade infantil e adolescente continua sendo um motivo de forte resistência. É possível haver discordâncias sobre essa afirmação, e relatos de uma série de programas de TV que anunciam discussões em torno da sexualidade do jovem poderão ser citados.

Entretanto, parece-nos que raramente se encontra num desses programas, de fato, uma discussão sobre sexualidade infanto-juvenil, mas sim sobre sexo. Muitos, senão todos, discutem a sexualidade em torno da primeira vez, se vai doer ou não, da importância dos pais saberem, de consultar um médico ginecologista, do uso do preservativo, do lugar apropriado, enfim, uma gama de informações que servem para “preparar” o jovem para o ato sexual propriamente dito não sobre como se constitui a sexualidade na infância, por exemplo, e como os pais deve se preparar para lidar com isso.

Por outro lado, percebe-se o mesmo em se tratando da escola e dos pais. Quantos pais discutem não o sexo, mas a formação do humano a partir da sexualidade com seus filhos ou entre o casal? Quantas escolas não reproduzem o discurso da mídia? Quantos professores discutem a sexualidade falando sobre os órgãos reprodutores e suas funções somente?

É possível que muitos pais e professores recusem ainda hoje admitir a sexualidade das crianças. *Os três ensaios* seria um porta de entrada significativa para que haja tal compreensão. Não que o que Freud diz nele resume-se como uma verdade absoluta, mas o que escreve poderia incutir numa discussão em torno da sexualidade num nível muito acima do senso comum e dos tradicionalismos familiares e educacionais.

Sob a desculpa de que “não se entende nada ainda” filhos e filhas se encontram livres para assistir desenhos animados impróprios para a idade, comerciais, novelas e filmes permeados de conteúdos eróticos. Esse tipo de audiência sem a devida atenção pode gerar uma precocidade na maturação e no interesse sexual incompatível com as idades.

Freud instrui muito nesses tempos de mídias sobre erotismo e o apelo sexual voltado ao consumo; Ao observarmos com olhar psicanalítico os comerciais de cerveja veremos muito mais do que mulheres “perfeitas” e quase nuas, com lábios entreabertos e fala macia, sobre os desenhos animados onde as espãs usam calça de couro extremamente apertada com suas cinturas finas e seios protuberantes, sobre os programas dominicais onde as dançarinas ao fundo dos apresentadores exibem suas roupas de baixo enquanto dançam.

Suas pesquisas e seus *insights* sobre a sexualidade contribuem muito para o entendimento de um lado realmente importante da organização psíquico-social-biológico das crianças, jovens e adultos. Vemos que é muito utilizada para compreensão da famosa sociedade do espetáculo na qual estamos imersos, não por pais e professores, mas justamente por aqueles que estão interessados em como ganhar dinheiro usando as pulsões sexuais como comércio.

Freud caracteriza as necessidades e desejos dos humanos de pulsão. Para a pulsão sexual Freud caracteriza-a de libido. A libido, assim como as outras pulsões é usada em termos didáticos por Freud em analogia à fome. Saciando-se a “fome” da pulsão assiste-se um repouso temporário da libido e as demais pulsões. Até a próxima “recarga” pulsional há o período de latência que acontece em períodos que dependem do estímulo externo e interno. Continua ele que umas das coisas que mais instigam o desejo (fome) libidinal é o ver. Curiosamente temos em nossos dias uma infinidade de imagens comerciais que aumentam a fome libidinal. Não por acaso, comumente se chama nossa era de Sociedade do Espetáculo. (GUY DEBORD, 1997)

Sobre a sexualidade infantil e depois juvenil Freud chama a atenção para a aceitação desse postulado: Que há uma sexualidade infantil desde tenra idade e o não cuidado com ela pode levar a criança a se tornar uma criança, um jovem e um adulto problemático.

A compreensão disso ajudaria, de certo modo para que a sociedade, os pais e a escola administrassem a maturação psíquica desses infantes, de modo que não desenvolvessem segundo ele disfunções de perversidade e neuroses, que podem interferir em um crescimento psicosexual saudável e conseqüentemente numa boa convivência social.

Segundo Freud (1905, p.128):

A opinião popular faz para si representações bem diferentes da natureza e das características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, falar-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objeto seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção. Mas temos plena razão para ver nesses dados uma imagem muito infiel da realidade; olhando-os mais de perto, consta-se que estão repletos de erros, imprecisões e conclusões apressadas.

Nosso interesse aqui não é aprofundar a discussão já muito debatida por pesquisadores, psicopedagogos, pedagogos, pediatras sobre a aceitação desse postulado em relação à existência ou não de sexualidade infantil. Embora muitos possam discordar. Nós partimos da premissa que há. Procuramos conseqüentemente expandir a importância do conhecimento da sexualidade infanto-juvenil para que ações pontuais sobre o controle ou acompanhamento televisivo, cibernético e publicitário, por exemplo, possam ser pensadas com seriedade pelos órgãos competentes, pelos pais e educadores.

No que tange a sexualidade em Freud, as crianças não tem desejo sexual fálico antes dos cinco anos, todavia outras regiões como bocas, anus, pele podem servir como material erógeno. A isso Freud caracteriza como auto-erótica quando a criança encontra em si mesmo o alvo da realização do desejo.

Todavia, já nessa idade as crianças desenvolvem a pulsão de saber: *ao mesmo tempo que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar.* (FREUD, 1905 p.183). Como veremos melhor adiante, juntamente com a pulsão de saber Freud enumera outra pulsão importante que é de ver.

Aqui temos um primeiro embate: se desde tenra idade as crianças desenvolvem a pulsão de saber aliada a pulsão de ver torna-se de suma importância que os responsáveis por essas crianças já controlem ou dialoguem profundamente sobre o que essas crianças devem ou não ver para evitar assim a precocidade ou neuroses futuras.

Em um processo normal, sem precocidade, a sexualidade infantil sairia da sua fase auto-erótica para a fase erótica (com busca de objeto e desejo de saciar-se sexualmente) no início da puberdade. No entanto, esse processo pode ser encurtado se a sexualidade for desenvolvida de forma prematura.

Excluindo os casos de pedofilia, de abuso sexual, de intimidação sexual por adultos ou outro tipo de crime sexual não haveria, *a priori*, motivos para que houvesse uma precocidade em torno da maturação sexual e do desejo sexual fálico a não ser que isso ocorra de modo externo, passivo e negligente.

Freud (1905, p. 148) destaca numa parte do texto, e acreditamos ser uma das mais significativas para a compreensão da efusão de erotismo no mundo de hoje e em consequência na padronização de um estereótipo de beleza vendável o seguinte: *A impressão visual é o caminho mais frequente pelo qual se desperta a excitação libidinosa, e é com a transitabilidade desse caminho que conta a seleção natural ao fazer com que o objeto sexual se desenvolva em termos de beleza (Grifo nosso).*

Destacamos **transitabilidade** e **seleção natural** para chamar a atenção de: a) na sociedade de consumo e da obsolescência programada, mais do que nunca a mercadoria, o padrão e o desejo DEVE ser transitável, não pode ser durável, a durabilidade é até o próximo lançamento. O olhar e o desejar pelo ver como sugere Freud em seu tempo, no mundo atual, é o mais requisitado de todos possíveis mecanismos para despertar o querer. Quando o objetivo é ver, desejar, desdesejar e redesejar o ver é soberano. Desse modo, o homem, a mulher, a criança, o jovem é treinado sem o saber pela transitabilidade do olhar e da excitação libidinosa em relação a beleza que de agora em diante deve estar em tudo. b) No tempo de Freud as mulheres e os homens poderiam até selecionar naturalmente seus objetos de prazer. Hoje isso parece cada vez mais difícil. A beleza de hoje não é natural, a decisão sexual não é natural ela é estimulada. Pergunta-se a qualquer garota ou garoto de nove anos o que um homem (menino) ou mulher (menina) deve ter para ser seu suposto namoradinho? Os parâmetros dados serão baseados nos galãs e atrizes das novelas *teens* ou adultos, dos seriados, sejam eles americanos ou não, até que novos galãs e novos padrões sejam instituídos.

A “seleção natural da beleza” na sociedade de consumo é plástica. Uma psicóloga educacional em entrevista disse estar assustada com a quantidade de meninos e meninas que em seu consultório reclamam da beleza, que querem ter a idade para pôr próteses de silicone ou fazer rinoplastia.

Coisas do tipo são comuns, cada vez mais comuns e deve-se a isso a precocidade da mudança de um alvo que para Freud era auto-erótico na infância e que precocemente e cada vez mais cedo é projetada no outro.

Para psicóloga Marília Neitzke:

Vejo uma grande precocidade na preocupação com a imagem no meu trabalho diário com crianças e pré-adolescentes. É possível perceber o quanto isso tornou-se uma preocupação para os mesmos. Elementos que antes não faziam parte do seu mundo, do seu vocabulário ou da sua rotina, hoje aparecem, a ponto de até atrapalhar seus interesses em outras atividades. Me preocupo quando escuto meninas, ou mesmo meninos falando de etiquetas de roupas, dietas, exercícios (para manter a forma e não para se divertir) fazer a unha, ou uma escova, no salão (claro) para parecer-se com determinada celebridade.

Parece, contudo que os pais omitem ou não entendem o dano que essa precocidade enseja. Por outro lado há indícios que o maior culpado é também vítima desse processo de precocidade sexual. A família contemporânea vem passando por um processo de esvaziamento ou ressignificação moral que repercute diretamente nos debates ou nas negligências em torno da sexualidade.

Sobre a vida contemporânea e a relação pais e filhos no qual vivemos é em grande medida segundo Sergio Sinay (2012, p.19) pela cultura:

[...] da fugacidade, da superficialidade extrema, da banalidade, da vida light e desprovida de sentido, do prazer efêmero e a qualquer preço, das relações vazias, da conexão sem comunicação, da manipulação de consciências e sentimentos, do prazer pelo prazer, do poder pelo poder, da sexualidade puramente genital, do acaso da responsabilidade, da confusão entre liberdade de compromisso, do consumo desaforado, viciado e predador.

As organizações têm passado por diversas ressignificações. O afrouxamento dos valores tidos modernos perde gradativamente seu sentido de formação do indivíduo. Para o bem ou para o mal a religião perde espaço quanto instituição detentora de organização comunitária, a família parece cada vez mais ocupando seu tempo com coisas além da educação dos filhos, o trabalho e outros afazeres fazem com que os filhos desses casais sejam educados por babás, creches, internet, televisão, que não tem obrigações morais para com essas crianças.

Freud nos *Três ensaios* é categórico ao afirmar que a pulsão sexual tem que ver em relação com certas forças externas e que essas forças devem ser forças moralizantes. Pode soar como puritanismo. Mas é fácil imaginar, mas difícil conceber uma sociedade sem superego seja social ou individual.

Mesmo quando teóricos importantes como Marcuse tenham feitos belos trabalhos sobre essa possibilidade, uma moral ou ética parece ainda importante na questão sexual pelo menos na infância e adolescência.

Desse modo, são instituídas na cabeça desses meninos e meninas, jovens e adolescentes e que servem sem dúvidas para posterior amadurecimento saudável dos mesmos. E quando esses *mores* não existem, quando quem educa é a TV?

Segundo Freud (1905, p.153):

[...] a pulsão sexual tem de lutar contra certas forças anímicas que funcionam como resistências, destacando-se entre elas com máxima clareza a vergonha, asco e a moral. É lícito conjecturar que essas forças contribuam para circunscrever a pulsão dentro dos limites considerados normais, e que, caso se desenvolvam precocemente no indivíduo, antes que pulsão sexual alcance a plenitude de sua força, sem dúvidas serão elas que irão apontar o rumo de seu desenvolvimento. [...] nessas forças represadoras do desenvolvimento sexual – asco, vergonha e moral – deve-se também um **sedimento histórico das inibições externas** que a pulsão sexual experimentou na psicogênese da humanidade. No desenvolvimento de cada um, observa-se que elas emergem no momento apropriado, como que espontaneamente, **a um sinal da educação e da influência externa.** (Grifo nosso).

Grifamos novamente a citação, pois nos parece importante levantar algumas questões. a) Dentro da reconfiguração atual onde encontramos transformações históricas, sociais, culturais, políticas, econômicas e de acordo com alguns autores até pós-históricas (FUKUYAMA, 1991), quanto de sedimentos históricos temos para superar a exaltação externa do consumo, da mídia, da fragmentação dos sentidos, da estética comprada para inibir (educar) as pulsões sexuais? b) Quanto de família e de escola temos hoje que baseados nesse sedimento histórico do qual nos fala Freud buscam construir (com que tempo?) uma psicogênese que seja sedimentada antes da sexual e que venha protegê-los da exaltação da sexualidade erótica da sociedade de consumo? c) O que nos autoriza a ver na educação escolar que possamos caracterizar juntamente com a família de saudável influência externa que possibilite a essas crianças e jovens ser protegidos e se proteger desse alvoroço de imagens ambíguas que superpovoam nossa realidade?

Ora, se os valores que compõem um *superego* que defenda o *ego* dos mandos e desmandos do *id* estão cada vez mais enfraquecidos podemos afirmar, é uma tese a ser analisada, que estamos (*ego*) atendendo cada vez mais e com mais frequência os ditames do *id*? Estamos entrando numa era onde vigorará o princípio do prazer? Será a morte do *superego* como o conhecemos?

Alain Touraine levantou questão parecida quando afirmou que gradativamente estamos criando gerações impulsivas com relação direta ao enfraquecimento do *superego* (TOURAINÉ, 1997). Mas o que poderemos esperar de uma sociedade onde o princípio regente é o Princípio do Prazer?

Edgar Morin (2005) caracterizou a década de 1960 em seu livro *Neurose de neurótica* devido à cultura de massas. Freud (1905, p. 155) sugere sobre a neurose o seguinte: *Os sintomas neuróticos baseiam-se, de um lado, nas exigências das pulsões libidinosas e, de outro, no protesto do ego em reação a elas*. Se supormos que as reações do ego estão cada vez menores em relação a libido pelo enfraquecimento do *superego* ao mesmo tempo em que a possibilidade de realização libidinal encontra-se (ainda) dificultada, por mais que a força pulsional ordene, por entraves da própria sociedade que perduram como, por exemplo, o encontro sem dificuldade de parceiros ou parceiras sexuais em qualquer hora e lugar, é lícito dizer que os indivíduos contemporâneos podem não só estar em certa medida neuróticos, mas também angustiados, frustrados, deprimidos e ansiosos? E o que pensar quando Freud diz que as neuroses estão relacionadas às perversões sexuais, que diga-se de passagem, é tão frequente ouvir sobre isso como acidentes de trânsito?

É correto pensarmos que a quantidade cada vez maior de medicamento para o tratamento de ansiedade, angústia, depressão, hiperatividade, o desejo do corpo perfeito, as operações estéticas de todos os tipos, entre tantas outras doenças chamadas modernas tem relação direta com a pulsão libidinal em relação às transformações sociais e culturais? Se por um lado tínhamos Freud tratando os neuróticos de seu tempo devido a forte repressão cultural sobre o sexo, seremos tratados hoje pelo extremo oposto, pela forte permissividade sexual?

A precocidade da sexualidade infanto-juvenil está diretamente relacionada às transformações socioculturais seja moral, vergonha ou asco. Quanto menor for a moral, a vergonha e/ou asco maior será a precocidade sexual de uma pessoa. Parece que justamente a moral, a vergonha e o asco são fatores desconstruídos gradativamente sistemas mediados e de consumo das sociedades modernas.

É muito comum no discurso pós-moderno partindo de Nietzsche e perpassando outros tantos filósofos uma dura crítica quanto a moral seja a judaico-cristã ou a ética protestante capitalista de Weber. É lícito afirmar que houve excessos (sem prolongar um assunto tão debatido). Chamamos atenção, todavia, para o esvaziamento no discurso pós-

moderno da moral como valor normativo sem um substituto à altura seja a educação ou a ciência que comportem as demandas instintuais do ser humano.

Em última instância parece verificarmos que as transformações histórico-culturais trazidas pela modernidade têm a burguesia como organizadora e o dinheiro como meta. Logo, vergonha, moral não devem fazer parte desse processo que culmina na busca de lucro sem se importar se a obtenção desse lucro é uma criança.

A infância é mercantilizada. Segundo Touraine (1997, p.89) *Estamos mergulhados no mundo do consumo de massa cujos modelos são veiculados pelos meios de comunicação. Não para de diminuir a distância entre o universo do erotismo e o dos gostos culturais, sociais e políticos.*

Sobre o descaso para com o infantil, Freud assinala (1905 p.163):

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância hoje sobre as condições básicas da vida sexual.

Sabe-se com Edgar Morin em seu *Método*, especificamente o 5, *Humanidade da Humanidade* que somos animais de cultura e de natureza, ou seja somos 100% cultura e 100% natureza. A diferença será como cada sociedade trabalha essa relação. Se há uma relação sadia de diálogo por parte da cultura saberemos lidar com nossa natureza, uma ausência de educação cultural suficiente e o ser humano debanda para o instinto.

É preciso desse modo, uma relação dialógica entre cultura e natureza. Se a cultura se sobrepuser completamente sobre a natureza temos doenças, se a natureza se sobrepõe sobre a cultura temos doenças.

Por outro lado, a cultura infere de tal modo na natureza que até fatores biológicos são influenciados e modificados por ela. Freud expõe isso na *Teoria Química da Sexualidade* (1905, p.203).

De acordo com outros especialistas, no que tange a sexualidade, a exibição desmedida, o incentivo direto ou indireto do ver, o meio ambiente social e coletivo infere no indivíduo na produção química de substâncias que estariam “programadas” para uma idade mais tardia.

Segundo Jonathas Soares, ginecologista do Hospital das Clínicas e do Albert Einstein, de São Paulo em entrevista a Revista Veja da edição de abril de 2000:

Não é só por fora que as meninas estão crescendo rápido. Por dentro também as mudanças se aceleraram. Pesquisas feitas nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil comprovam que a idade média da primeira menstruação, que no começo do século XX variava entre 14 e 15 anos, hoje está entre 10 e 11 anos. [...]”Esta geração de meninas está tão erotizada, vem recebendo tantos estímulos para ficar moça que o cérebro acaba enviando sinais que detonam a produção dos hormônios mais cedo”.

Na relação família-filho os filhos perdem sempre (é o que parece em grande medida quando nos referimos à educação). Há cada vez mais uma ausência que *persiste repetitiva*. *Uma ausência que priva os filhos de viver a sequência de experiências que conduzem a uma evolução harmoniosa rumo à maturidade, uma ausência que os desorienta, desordena, priva de ferramentas para a construção de uma vida com propósitos, significado e sentido.* (SINAY, 2012, p15).

Observa-se um discurso velado entre os pais, uma espécie de competição que tem por objetivo exaltar a sapiência do filho, de já se saber ler, se fala bem o inglês ou se joga bem o futebol, ou se domina todas as ferramentas do *World*, ou os passos do balé. Um trofeuzinho segundo Sinay, que internamente pode estar completamente desestruturado por essa massa de imagens e informações desconexas e inapropriadas.

Não nos interessa aqui a diferenciação entre classe social. Sabe-se, é claro, que por questões monetárias os mais afortunados têm mais condições aos meios que acreditamos inferir na precocidade da sexualidade infanto-juvenil, no entanto, é bem verdade que a televisão já é o suficiente para que uma miríade de informações sexistas invadam os lares, independente da classe.

Se levarmos em consideração a ascensão social das camadas populares, a chamada classe média brasileira, o número de pessoas com acesso à internet, por exemplo, cresceu assombrosamente. E para aqueles que ainda possam dizer que os mais pobres deveriam, por questões de acesso, ser menos influenciados poderíamos citar a cultura popular que invade o mundo infanto-juvenil de grande parte da periferia do Brasil (mas não só dela) que é o caso do *funk* e seus passes.

A aceleração do desenvolvimento sexual infantil pula etapas importantes para a organização sadia da psicologia do posterior jovem e adulto. Freud explica que antes da maturação sexual da pré-adolescência, são construídos os diques de desvio da sexualidade, onde as pulsões sexuais que são as mais fortes nos seres humanos seriam desviadas por meio

da sublimação para outras atividades; educacionais, esportivas artísticas que as crianças também precisam desenvolver.

A educação familiar e escolar tem papel importante nessa sublimação tendo em vista que os adultos são os limitadores, ou deveriam ser, os que observam, limitam essas exibições sexuais exageradas, mas acreditamos que o diálogo sempre é o mais importante. Por outro lado vemos crianças precocemente maquiadas, andando de salto alto e imitando os maneirismos dos adultos muitas vezes sob aplausos impressionados dos pais maravilhados. Entretanto, os diques de sublimação mal estruturados levam essas crianças e posteriormente jovens e adultos a transtornos de ordem relacional e compulsivos:

Durante o período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (asco, sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Nas crianças civilizadas, a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso. (FREUD, 1905, p.167).

Se a sublimação for incompleta ou inexistente Freud explica que:

Veza por outra irrompe um fragmento de manifestação sexual que se furtou a sublimação, ou preserva-se alguma atividade sexual ao longo de todo período de latência, até a irrupção acentuada da pulsão sexual na puberdade. Na medida em que prestam alguma atenção à sexualidade infantil, os educadores portam-se como se compartilhassem nossas opiniões sobre a construção das forças defensivas morais à custa da sexualidade, e como se soubesse que a atividade sexual torna a criança ineducável, pois perseguem como “vícios” todas as suas manifestações sexuais, mesmo que não possam fazer muita coisa contra elas. (1905, p. 168).

Se estamos inclinados a crer na negligência da educação na formação desses diques, e o conseqüente aumento da influência dos meios de comunicação de massa e a cultura de consumo na maturação precoce da sexualidade infantil, é de se supor que diques maus estruturados degenerarão em impulsividades seja alimentares, eróticas ou narcísicas, e que se não houver uma forma de se rever isso teremos gerações cada vez mais doentes psiquicamente, inseguras, deprimidas, estressadas, etc.

A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NO DESENVOLVIMENTO PRECOCE DA SEXUALIDADE

Nos *Três ensaios*, sobre o narcisismo, Freud sugere que no início da infância as pulsões sexuais são auto-eróticas, ou seja, *A pulsão não está dirigida para outra pessoa*;

satisfaz-se no próprio corpo. (FREUD, 1905, p.170) a criança vê em si mesmo o alvo da pulsão sexual isso tudo por meio das três fases de maturação psicosssexual relacionada por ele como oral, anal e genital.

Nos meios de comunicação de massa, o ver é o motivo *sine qua non* da sua existência ao mesmo tempo em que o é para o desenvolvimento sexual e da pulsão sexual: *O olho, talvez o ponto mais afastado do objeto sexual, é o que com mais frequência poder ser estimulado na situação de cortejar um objeto, pela qualidade peculiar cuja causa no objeto sexual costuma ser chamada de “beleza”* (FREUD, p. 198).

Somando a qualidade do ver no universo psicosssexual e a constante motivação de se ver na sociedade midiática onde o belo é sempre o objeto preferido de divulgação, aliando-se a precocidade da exposição midiática entre as crianças e o descaso dos pais em relação ao que o filho lê, vê ou assiste sem a devida sublimação, podemos encontrar aí um problema de proporções ainda incalculáveis.

O professor Marcio de Oliveira Puggina (2000) sugere isso numa doutrina publicada no Ministério Público de Rio Grande do Sul sobre os abusos dos meios de comunicação de massa que afirma:

Os meios de comunicação de um modo geral e, particularmente, a televisão, são responsáveis pela divulgação maciça de informações, não as selecionando sequer de acordo com medianos e saudáveis critérios que pudessem atender às menores exigências de uma sociedade marcada pelas dessemelhanças. Assim é que sendo irrestrito o acesso à mídia não se mostra incomum reparar-se a precocidade com que as crianças de hoje lidam, sem embaraços quaisquer com assuntos concernentes à sexualidade tudo de uma forma espontânea. Quase natural.

Salientamos novamente o destaque que Freud dá à relação auto-erótica da criança consigo mesma. Freud também destaca a relação narcísica dos seres humanos no Complexo de Édipo que são constituintes fundamentais para a formação psicossocial e psicosssexual dos indivíduos. O interessante é notar que (isso é uma preposição que vale ser analisada com mais cuidado, mas que a observação sociológica dá indícios) está-se estendendo para além da pré e da adolescência, uma relação auto-erótica infantil onde o alvo e o objeto sexual por meio de um narcisismo ampliado, do tabu de perfeição corporal e da profusão de imagens e da má maturação sexual centra-se no si-mesmo a procura da satisfação até a fase adulta.

Cabe aqui também ressaltar o que Freud chama de *Disposição Perversa Poliforma* que é a sedução, o qual deve entrar no processo de sublimação cultural possibilitada sobre tudo pela presença e educação familiar:

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa torna-se perversa poliforma e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais - vergonha, asco e a moral - ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção. (FREUD, p.180)

Nossa sociedade, a midiática e de consumo, eleva o erotismo, o exibicionismo e a sedução a espaços inimagináveis. De modo sutil, perverso ou escancarado como piada ou como “educação sexual” (que deveria ser chamada de educação para o sexo) o corpo o desejo, a vontade de poder sobre os objetos sexuais que se apresentam torna o desenvolvimento psicosssexual das pessoas extremamente meláveis.

Os objetos sexuais, os desejos sexuais mudam conforme os ditames dos padrões estabelecidos, os desejos são formulados a partir deles e expostos nos canais visuais. Sabemos com Freud a importância do ver sob a pulsão sexual, os detentores do poder comercial também sabem.

Outro elemento importante da teoria sexual freudiana que é vendido, materializado para se tornar produto vendável, é o *Mecanismo do Pré-prazer*.

Qualquer canal de TV, qualquer *site* da internet, nas ruas por meio dos *out doors*, nos requebrados das dançarinas dos programas dominicais encontramos esse mecanismo. Para psicanálise o pré-prazer é imprescindível ao prazer efetivo que é a descarga temporária da pulsão sexual por meio do ato mesmo do sexo. A sociedade que vivemos não é do sexo propriamente dita ela se mostra cada vez mais pré-sexual, ela é masturbatória.

Nos programas, nos filmes, nas novelas, nas revistas, nos *out doors*, entre outros, não há incitação ao sexo propriamente dito por isso que ela é tão sublime e não soa ofensivo a muitos. O antes do sexo surge no mundo de hoje como mais importante do que o sexo, por isso a profusão de *sex shops*, de livros escritos (*50 tons de Cinza, como deixar um homem louco na cama, como deixar uma mulher louca na cama, dez dicas disso, dez dicas daquilo*), de *sites* e programas de TV, inclusive de colunas de jornal explicando sobre as famosas preliminares.

Assistimos com frequência programas de auditório em horários inapropriados para crianças onde mulheres com cinta-liga dançam incitando inconscientemente a sedução do adulto e do jovem para manter a audiência. Caso recente foi a demissão de várias bailarinas

do Faustão que não estavam mais de acordo com os novos padrões do programa. Assim o que poderia parecer mais uma etapa do sexo (pré-prazer) está fora, para muito além do sexo.

Educacionalmente isso é funesto e socialmente temerário. Junta-se a isso a: a) exibição do corpo no estilo auto-erótico infantil, ou da fase onde a criança quer todas as atenções para si; b) a ideia narcísica de auto satisfação e de sedução c) a precocidade do acesso as informações e imagens sobre o sexo e erotismo d) desatenção dos responsáveis quanto a educação dos filhos, e teremos indivíduos dessublimados, frustrado, infelizes e ansiosos, pois o desejo de pulsão não será totalmente atendido e essa pulsão estará sempre elevada e querendo seu espaço.

O que estamos procurando dizer é: a) manutenção do excesso de imagens de todos os tipos sobre o corpo erotizado b) a incapacidade de descarregar constantemente essa pulsão mediante o incitamento visual inundado c) a precocidade do acesso aos sulcos midiáticos erotizados, resultarão em gerações cada vez mais superficiais, incompletas, sem identidade e angustiadas. O mercado de produtos eróticos continuará a crescer, as imagens midiáticas continuarão constantes, o consumo estará sempre em alta ao mesmo tempo que a “satisfação sexual” será cada vez mais curta e insatisfeita.

Sobre os perigos do pré-prazer:

A ligação do pré-prazer com a vida sexual, é corroborada pelo papel patogênico que pode competir a ele. Do mecanismo em que está incluído o pré-prazer pode resultar, evidentemente, um perigo para a consecução do alvo sexual normal, perigo este que surge quando, em algum ponto dos processos sexuais preparatórios, o pré-prazer se revela demasiadamente grande, e pequena demais sua contribuição para a tensão. Falta então a força pulsional para que o processo sexual seja levado adiante, todo caminho se encurta, e a ação preparatória correspondente toma lugar do alvo sexual. [...] é dessa natureza, de fato, o mecanismo de muitas perversões, que consistem numa demora nos atos preparatórios do processo sexual. (FREUD, 1905, p. 200).

Destacamos mais uma vez a importância da família como principal responsável por impor limites dialogar e acompanhar o acesso da criança de conteúdos da *internet*, TV, revistas ou filmes, sobretudo, quando os pais não estão dispostos a explicar aos filhos cenas que despertem a curiosidade da criança, mas que é marcado pelo silêncio do constrangimento.

É importante a presença dos pais. Muitos se preocupam se seus filhos estão saudáveis enquanto corpo e não se preocupam (por negligência ou desinteresse) quanto a saúde mental dos seus filhos. Sabemos com Freud e por cientistas das mais diversas áreas sobre a importância da pulsão sexual na vida dos seres humanos, não podemos negligenciar

isso, muito menos nos dias de hoje onde o sexo, o erotismo e o corpo se tornaram um produto de livre comércio.

Não estão mais nos guetos onde se encontravam as prostitutas, hoje toda uma massa de erotismo está por todo canto desde o *Programa do Ratinho* até ao desenho aminado *Três espíãs demais*. É importante a observância. É importante as limitações e a existência ainda, por mais que as teorias pós-modernas (das quais aceito muitas delas) são contra, de valores morais, até que substitutos à altura sejam encontrados, para a construções de diques de desvios da pura pulsão sexual em tão tenra idade.

A educação escolar e familiar deve andar juntas. O mercado quer consumidores. A família e a escola devem de algum modo lutar contra essa obsessão consumista, pelo ter, que inclusive a política governamental enseja e exalta. É preciso ajudar a se constituir na infância: *com a ajuda da educação, as forças destinadas a manter a pulsão sexual em certos rumos (FREUD, p.219)*.

Na sociedade da sedução, que Lipovetsky quer da decepção, que exige o alto desempenho seja sexual, profissional, do corpo, da beleza estética artificializada pelas intervenções cirúrgicas ou pela obsessão da academia e por exercícios físicos, é preciso olhar atentamente para não desenvolvermos angústias e neuroses da insatisfação permanente do nosso novo espírito do tempo:

A experiência permitiu-nos ainda comprovar as influências externas da sedução podem provocar rompimento prematuros da latência e até da supressão dela, e que, nesse aspecto, a pulsão sexual da criança comprova era, de fato, perverso-poliforma; comprovamos ainda que tal atividade sexual prematura prejudica a educabilidade da criança. (FREUD, p.221).

Destacamos que a educação familiar e educacional devem dar maior atenção aos processos de sublimação. É preciso incidir sobre a criança limites e diálogo. Não é permissível educar uma criança com o conceito do deixar fazer, deixar passar.

Educar significa limitar. Impor limites significa tirar a criança do computador onde os jogos são repletos de conteúdo erotizado e violento, onde a TV está permeada de desenhos erotizados e violentos, onde o *facebook* tão celebrado pela juventude e infância está cada dia mais cheio de imagens de nu explícito e de poses sexuais tiradas e postadas por elas mesmas em seus perfis para conseguir umas “curtidas”.

Ou os pais não acompanham seus filhos sobre o que eles acessam e postam ou a profunda precocidade da qual falamos aqui é incentivada pelos próprios pais.

Segundo Freud (1905, p. 225) *Aquilo que chamamos de “caráter” de um homem constrói-se, numa boa medida, a partir do material das excitações sexuais, e se compõe de pulsões fincadas desde a infância, de outras obtidas por sublimação, e de construções destinadas ao refreamento eficaz de moções perversas reconhecidas como inutilizáveis.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade do espetáculo, do resultado e da *performance* é importante salvaguardar as crianças. Elas não têm nada que ver com o frenesi consumista de seus pais embora muitas dessas crianças se tornem grandes consumidoras por culpa exclusivamente deles.

A precocidade deve ser evitada em todos os sentidos. Deixar uma criança ser criança se desenvolver sem pular etapas proporcionará a ela um adulto saudável e confiante. Evitar deixar a chupeta eletrônica educar seus filhos é tão importante quanto dar alimentos saudáveis a eles e elas.

Se a pulsão sexual é a mais forte entre os humanos, se a sociedade de consumo e a cultura de massa sabem disso e utilizam disso para vender é preciso nos defender. Se soubermos que a precocidade em relação ao sexo traz danos incalculáveis e que a única proteção é a presença e educação familiar porque deixar os filhos a mercê dos lobos em pele de cordeiro?

Sobre a precocidade Freud esclarece que manifesta-se na interrupção, encurtamento ou encerramento do período infantil de latência, e converte-se em causa de perturbações por ocasionar manifestações sexuais que, pelo estado incompleto das inibições sexuais, de um lado, e por ainda não estar desenvolvido o sistema genital, de outro, só podem trazer em si o caráter de perversões. [...] *a precocidade sexual dificulta o desejável domínio posterior da pulsão sexual pelas instâncias anímicas superiores, e aumenta o caráter compulsivo que, à parte isso, os substitutos [Vertretungen] psíquicos da pulsão reivindicam para si.*

Em se tratando de mente compreendemos ainda muito intimamente sua plasticidade e estruturação em torno da relação mundo interno e externo. As pesquisas da neurociência vêm cada vez mais nos fazer entender como se dá o processo de ensino aprendizagem, sobre a influência do mundo externo sobre o interno e vice-versa.

Por outro lado, tratando de jovens e crianças e de sua capacidade de imaginar e da curiosidade e vontade de saber que é típico dessa fase é sempre bom ter tempo para poder

esclarecer e proceder da melhor forma para que essas meninas e meninos do mundo moderno possam desenvolver aquilo que Antony Giddens chama de Segurança Ontológica.

Tendo em vista essa preocupação foi que procuramos reler os três ensaios sobre a sexualidade de Freud com intuito de relacioná-lo com o universo midiático no qual estamos cobertos e destacar a importância que Freud e suas análises tem ainda hoje para compreensão do humano.

Recebido em: Fevereiro de 2014

Aceito em: Outubro de 2014

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREUD, S. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos** (1901-1905). Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Moral sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna, “O Esclarecimento Sexual da Criança” (1907), *in* “**Gradiva**” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Volume IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. “Sobre a Degradação mais Generalizada da Vida Amorosa *in* **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos** (1911-1912). Volume XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. “Sobre o Narcisismo: Introdução *in* **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. (1914-1916), Volume XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- LIPOVETSKY, G. **A sociedade da decepção**. Barueri: Manole, 2007.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: Volume 1 neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- MORIN, E. **Metodo 5: Humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- PUGGINA, M. O. **A erotização da infância na mídia e na internet**. [citado em 13 de maio de 2013] Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/infancia/doutrina/id170.htm>>
- Revista veja on line. [on line]. Edição 1673: **Princesas precoces** [citado em 13 de maio de 2013]. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/011100/p_068.html>.
- SINAY, S. **A sociedade dos filhos órfãos**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.
- TOURAINÉ, A. **Iguais e diferentes, podemos viver juntos?** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.